Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado Class.: GIR01776

Data: 02.02.92 Pg.:

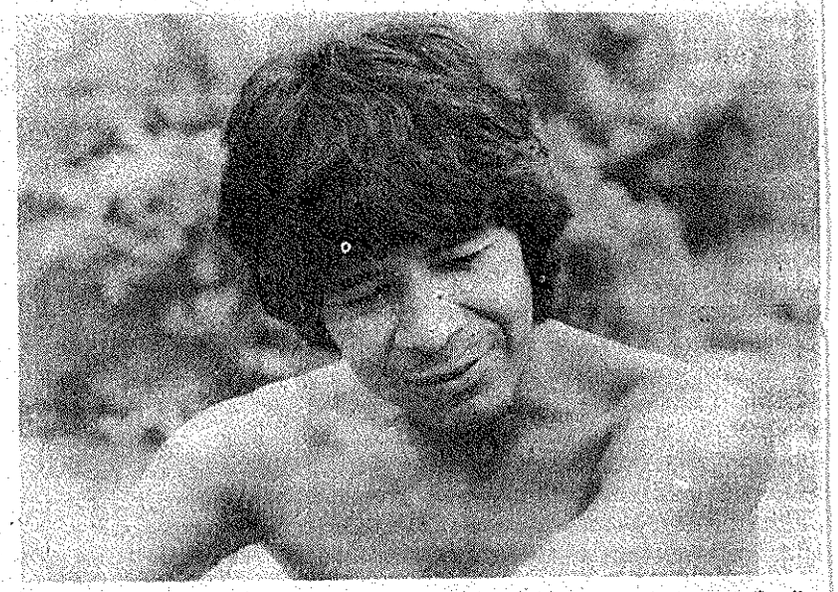
Comunidade de guaranis vive em Biguaçu

Fotos de Luiz Carlos Vieira

Eles são remanescentes da antiga civilização que povoou o Brasil

Márcia Costa de Ávila

Eles moram em malocas primitivas e tiram sustento do artesanato e da plantação de lavouras de milho



Cacique Milton (Wera Tchupá): "não queremos receber esmolas"

Remanescentes dos índios guaranis vivem em São Miguel, interior de Biguaçu. Moram em ocas, falam o "guarani" e preservam sua cultura nas rezas e nos rituais como o batismo e o casamento. São 18 pessoas fixas em uma área de terra (antigo Camping), que há cinco anos lutam para ter direito sobre ela.

O cenário é triste, condições de higiene praticamente não existem, as crianças vivem constantemente doentes e os adultos fazem do artesanato e do plantio do milho e aipim suas fontes de sobrevivência. Já foram emancipados, até mesmo batizados, e recebem ajuda de pessoas que desejam ampará-lós.

Para Wera Jupá, cacique da tribo, o importante é que as pessoas valorizem e comprem seus artesanatos em madeira, cipó e taquara. "Aqui falta tudo para nós. Nós vendemos artesanato e contamos com ajuda de pessoas. Não queremos esmolas, ou doações, queremos que nosso trabalho seja reconhecido.

"É necessário que este povo seja ajudado, que as pessoas sejam solidárias. Um exemplo de ajuda vem do dentista Vitor Locks, de Biguaçu, que atende os índios de graça", afirma Antonieta Maria Martins (Dona Leta, madrinha dos índios).

No povo indígena encerra-se um vasto universo de conhecimento tão antigo quanto útil, que reflete sua organização social, a sua intimidade com o meio ambiente, uma verdadeira lição de felicidade humana. Homens, mulheres e crianças têm sua própria resposta para esse complexo problema chamado vida.

Para eles os índios são todos de uma só raça. "Nós rezamos para Deus e Deus é um só. É tolice esta coisa de adorar sol, lua e estas coisas. Assim como é tolice separar os índios em Kaingang, Xokleng e outras raças. Índio é uma coisa só, todos são a mesma coisa", ressalta o cacique.

Pacíficos e unidos, os remanescentes primitivos resistem às pressões na questão da terra, sobrevivem em condições precárias e preservam na linguagem e na alimentação suas origens.

Seus nomes são suas raízes: Taquadú, Taquá, Karaí, Taquaí, Taquaí Mirim, Karaí Tchupã, Wera Tchupã e Karaí Mutchu. Na alimentação o milho verde assado, o milho torrado e socado (pichê) e o milho cru picado (bujyapé). Tudo lembra um pouco da história deste povo brasileiro. Grande parte do povo indígena já sucumbiu e com eles grande parte de suas riquezas culturais.

Para os índios a responsabilidade social é muito maior. O afeto não é coisa monopolizada apenas em nível individual ou familiar. Porém, no que se refere ao casamento, este é muito valorizado. Na maioria das vezes os índios casam-se apenas com uma mulher. "Nós casamos com uma só mulher. Tem muita mentira que corre por aí", ressalta o cacique.

O velho, em uma tribo, é fonte de sabedoria, por isso ele é ouvido e respeitado. É importante lembrar que isto é algo que não acontece na sociedade branca civilizada. Para os índios a vida é muito simples, e os valores morais estão lado a lado à liberdade de ação e pensamento

"Um índio, homem ou mulher, morre serenamente, como uma vela. Se apaga sem ruído, sem apelos, sem terror. Ele simplesmente viveu: ele foi". Mas sua cultura deve permanecer para sempre na memória do povo, pois também foi através dela que foi escrita a história de nossa gente.

No rosto da menina Márcia (Taquaí Mirim), toda a beleza da raça

Roseli (Taquadju) com Karaí no Colo, ao lado de Helena (Taquaí)